

A pedagogia da caracterização cênica: a sistematização do ensino da maquiagem profissional na indústria do entretenimento

## **A pedagogia da caracterização cênica: a sistematização do ensino da maquiagem profissional na indústria do entretenimento**

*The pedagogy of scenic characterization: the systematization of the teaching of professional makeup in the entertainment industry*

**Vanessa Silva Ricarde (Vany Ricarde)**

*Maquiadora Profissional, Especialista em Caracterização Audiovisual e em Educação em Artes da Beleza.*

### **RESUMO**

A indústria do entretenimento global atravessa um período de intensa sofisticação tecnológica, o que exige que os processos de caracterização visual atendam aos rigorosos padrões contemporâneos de captação de imagem. Este capítulo acadêmico investiga a transição da maquiagem profissional, historicamente empírica, para uma disciplina técnico-científica que demanda sistematização pedagógica. A metodologia baseia-se em uma revisão da literatura sobre educação em artes visuais, cosmetologia aplicada e estudos de performance, com o objetivo de analisar as lacunas existentes nos modelos tradicionais de ensino da beleza. O estudo explora a função narrativa da maquiagem na construção de personagens, os desafios impostos pelas resoluções de ultra-alta definição (4K e 8K) e a urgência de incorporar a física óptica e a química cosmética aos currículos de formação. Os levantamentos demonstram que a disseminação do conhecimento no setor frequentemente esbarra na dificuldade de formalizar saberes tácitos, o que limita a instrução à mera reprodução de tendências estéticas. A análise indica que a elevação do maquiador à categoria de caracterizador cênico exige uma arquitetura educacional baseada na prática reflexiva, que capacite o aluno a compreender o comportamento da luz, a teoria das cores e a adequação dos materiais às exigências do palco e do estúdio. Conclui-se que a incorporação de metodologias ativas e interdisciplinares no ensino da maquiagem é fundamental para a formação de profissionais aptos a integrar as complexas equipes de direção de arte, assegurando a evolução e a valorização acadêmica da profissão no mercado audiovisual.

**Palavras-chave:** Educação em Artes. Caracterização Cênica. Maquiagem Profissional. Indústria do Entretenimento. Prática Reflexiva.

### **1. INTRODUÇÃO**

A maquiagem profissional constitui um dos pilares da construção narrativa na indústria do entretenimento. Desde as antigas encenações teatrais até as modernas produções cinematográficas, a modificação do rosto humano atuou como um veículo central de comunicação não verbal, capaz de transmitir idade, saúde, status social e estado emocional antes que qualquer diálogo fosse proferido. No entanto, a evolução acelerada das mídias audiovisuais impôs novas exigências técnicas a este campo de atuação. A lente da câmera

deixou de ser uma observadora passiva para se tornar uma escrutinadora implacável das texturas, forçando a arte da caracterização a fundir-se com conhecimentos oriundos da física óptica e da química de materiais.

A despeito dessa inegável complexidade técnica, o ensino da maquiagem enfrentou, ao longo das décadas, uma marginalização acadêmica. A transmissão de saberes no setor foi historicamente conduzida por modelos de aprendizado informal, nos quais aprendizes assimilavam técnicas por meio da observação empírica e da repetição em camarins e estúdios. Essa tradição oral e visual, embora rica em intuição artística, carece de padronização e de fundamentação teórica necessárias para formar profissionais capazes de atuar em grandes produções globalizadas. O hiato entre a exigência do mercado e a fragilidade dos currículos formativos evidencia a necessidade de uma revisão metodológica profunda na educação em artes da beleza.

O presente capítulo acadêmico tem por escopo investigar os mecanismos de sistematização do ensino de maquiagem voltado ao entretenimento. O objetivo central é propor diretrizes para a estruturação de uma arquitetura pedagógica que transcenda o mero embelezamento superficial. A pesquisa analisa a transição do letramento visual para a competência analítica, questionando como as escolas de formação técnica e as instituições de ensino superior podem preparar os alunos para compreender as reações físico-químicas dos cosméticos quando submetidos às intempéries climáticas de festivais ou à iluminação controlada dos sets de filmagem.

Para alicerçar esta investigação, o texto estrutura-se na interseção entre os estudos da performance, o visagismo contemporâneo e as teorias da educação. Inicialmente, mapeia-se a evolução tecnológica da captação de imagem e o seu impacto direto nos materiais cosméticos. Em seguida, discute-se o papel da maquiagem como ferramenta de ilusão cênica, o que exige do estudante o desenvolvimento de uma sensibilidade narrativa aguda. A pesquisa aprofunda-se, então, nos desafios de traduzir a intuição do artista — o chamado conhecimento tácito — em protocolos didáticos claros e avaliáveis.

Ao fomentar o debate sobre a educação profissional, este estudo busca legitimar a caracterização da educação profissional como ciência aplicada às artes visuais. O estabelecimento de matrizes curriculares robustas garante não apenas a excelência do

produto cultural entregue ao público, mas também contribui diretamente para a valorização ética e financeira da categoria profissional. A disseminação de um saber estruturado assegura que os futuros caracterizadores ingressem na indústria aptos a dialogar em pé de igualdade com diretores de fotografia, iluminadores e roteiristas, consolidando o maquiador como coautor intelectual da obra de entretenimento.

## **2. A EVOLUÇÃO HISTÓRICA E TECNOLÓGICA DA CARACTERIZAÇÃO CÊNICA**

A compreensão do estado da arte da maquiagem contemporânea exige um resgate de suas origens nos primórdios das artes cênicas. No teatro clássico e nas primeiras produções do cinema mudo, a caracterização operava sob a premissa do hiper-realismo (CORSON et al., 2019). A ausência de captação de som e a utilização de películas ortocromáticas, que registravam as cores de forma distorcida, exigiam que os atores utilizassem traços gráficos marcados, sombras densas e lábios intensamente escurecidos para garantir que as expressões faciais fossem decodificadas pela audiência. O ensino dessa técnica focava-se no contraste absoluto, em que a maquiagem atuava quase como uma máscara pantomímica.

A transição para o cinema em cores e a popularização da televisão exigiram a primeira grande adaptação metodológica dos profissionais da área. O advento das películas pancromáticas e do sistema de transmissão em cores impôs a necessidade de dominar a teoria cromática. As texturas espessas, antes aceitáveis, passaram a denunciar a artificialidade do personagem. O aluno de maquiagem precisou introduzir o estudo da roda de cores em sua formação, aprendendo a neutralizar tons de pele e a harmonizar pigmentos sintéticos com a iluminação incandescente dos estúdios, o que marcou o início da interseção entre o visagismo e a física óptica.

O advento da era digital impôs o mais severo teste de competência à área de caracterização. A chegada das câmeras de alta definição (HD) e das recentes tecnologias 4K e 8K elevou a acuidade visual das produções a um patamar quase microscópico (PAYNE, 2016). Os sensores digitais modernos capturam a espessura do pó facial, o acúmulo de base nas linhas de expressão e a incompatibilidade entre o rosto maquiado e o pescoço nu. A ilusão de ótica que antes dependia da distância entre o palco e a plateia foi aniquilada pelo foco preciso da

lente, o que exigiu que a maquiagem se tornasse virtualmente imperceptível, mesmo em planos fechados (*close-ups*).

Diante dessa exigência de invisibilidade cosmética, a indústria química reformulou seus materiais, desenvolvendo produtos com partículas refletoras de luz e silicones voláteis. O ensino precisou adaptar-se rapidamente, deslocando o foco da quantidade de produto para a precisão da aplicação. O estudante contemporâneo é instruído a utilizar a técnica de *layering* (construção em camadas finas), trabalhando com fluidos que mimetizam a textura orgânica da pele humana. A educação técnica precisou incorporar testes de câmera ao longo do processo de aprendizado, permitindo que o aluno observe como o monitor traduz a colorimetria percebida a olho nu.

Essas transformações evidenciam que a história da maquiagem no entretenimento é pautada pela corrida contra o avanço das lentes de captação. O profissional não pode mais ser treinado apenas como pintor de superfícies; ele deve atuar como um integrador de tecnologias. A grade curricular ideal reflete essa evolução ao exigir que os futuros caracterizadores estudem o comportamento dos pigmentos sob diferentes espectros de luz LED e aprendam a selecionar texturas que não gerem reflexos especulares anômalos. A educação contínua tornou-se, assim, a única ferramenta capaz de garantir que a arte da caracterização não seja suplantada pela alta definição digital.

### **3. A ARQUITETURA PEDAGÓGICA NO ENSINO DA MAQUIAGEM PROFISSIONAL**

A democratização do acesso à informação, viabilizada pela popularização de tutoriais em plataformas de vídeo, gerou um paradoxo no ensino da beleza. Ao passo que as técnicas de automaquiagem se tornaram amplamente acessíveis, ocorreu uma homogeneização estética baseada na reprodução de tendências virtuais efêmeras. O aluno que ingressa na formação profissional frequentemente carrega o vício de mimetizar fórmulas prontas, desenhadas para ambientes estáticos e iluminados por anéis de luz (*ring lights*). O papel da instituição de ensino é desconstruir esse aprendizado superficial, apresentando a maquiagem cênica como um processo de engenharia reversa, no qual o objetivo final determina os compostos químicos a serem utilizados.

A implementação de uma arquitetura pedagógica robusta exige a adoção de metodologias ativas de ensino. A andragogia (educação para adultos) postula que o engajamento do aluno ocorre quando ele percebe a aplicabilidade imediata do conhecimento na resolução de problemas reais (KNOWLES et al., 2015). No laboratório de maquiagem, isso significa simular os obstáculos de um *set* de filmagem ou de um festival de música. O educador deve propor desafios práticos, como a criação de uma pele resistente a quarenta graus Celsius de sensação térmica, obrigando o discente a pesquisar sobre polímeros de fixação, controladores de sebo e impermeabilizantes, afastando-o da escolha de produtos baseada apenas no apelo de marcas comerciais.

A base teórica do curso deve incluir o letramento em teoria das cores aplicada à luz incidente. O aluno precisa compreender que um corretivo alaranjado, perfeito para anular olheiras sob luz solar, pode adquirir uma tonalidade acinzentada sob os refletores frios de um palco. A instrução laboratorial necessita de equipamentos que alterem a temperatura de cor do ambiente (de 3200 K a 5600 K), permitindo que o discente observe a transmutação dos pigmentos em tempo real. Essa vivência converte o aprendizado em uma experiência dedutiva, dotando o futuro caracterizador da autonomia necessária para corrigir distorções cromáticas antes que o diretor de fotografia solicite o ajuste.

O conceito de prática reflexiva, introduzido por Donald Schön (1983), é o vetor central para o desenvolvimento do pensamento crítico na cadeira de maquiagem. O estudante é incentivado a analisar o seu próprio fazer enquanto o executa (reflexão-na-ação). Se uma base apresenta rolamento (*pilling*) ao ser aplicada sobre a pele do modelo, o aluno não deve apenas limpar e recomeçar, mas sim investigar a incompatibilidade química entre a fase aquosa do hidratante prévio e a fase siliconada da base. Esse nível de escrutínio transforma falhas técnicas em oportunidades para consolidar conceitos de cosmetologia aplicada, forjando um profissional analítico.

O educador, nesse novo paradigma, atua principalmente como facilitador do pensamento estético. A demonstração magistral de técnicas de contorno ou de envelhecimento cênico abre espaço para a formulação de questionamentos socráticos. Quando o aluno aprende a justificar as suas escolhas materiais com base na resistência térmica e na resposta óptica, a escola garante a entrega de um profissional completo ao mercado. A padronização desse

rigor pedagógico é o instrumento fundamental para que a profissão ganhe peso acadêmico, permitindo que o caracterizador transite com autoridade pelos bastidores das produções de entretenimento globais.

#### **4. A MAQUIAGEM COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO NARRATIVA NO ENTRETENIMENTO**

No universo da cinematografia, do teatro e das produções audiovisuais em série, a maquiagem abandona seu propósito utilitário de embelezamento para assumir a função de dispositivo narrativo (KEHOE, 2004). A aparência do ator é o primeiro contato do público com o universo diegético da obra. Um rosto pálido e ressecado, manchas de exposição solar ou o desgaste da textura da pele comunicam ao espectador o contexto socioeconômico, a faixa etária e o estado de saúde do personagem, dispensando extensas exposições dialógicas. O ensino da caracterização deve, portanto, incutir no aluno a capacidade de traduzir a psicologia de um roteiro literário em texturas visuais do rosto humano.

A construção dessa ilusão narrativa exige que o maquiador opere em absoluta sintonia com o processo de atuação. O momento da caracterização no camarim é frequentemente descrito por intérpretes como a fase final de internalização do personagem. O contato físico, o peso dos materiais e a alteração da própria topografia facial auxiliam o cérebro do ator a suspender a sua identidade civil. O currículo formativo necessita abordar a ética e a postura de camarim, instruindo o estudante a respeitar o silêncio, a vulnerabilidade e o espaço de concentração do artista, garantindo que o ambiente de preparação atue como um espaço seguro e fiduciário.

O domínio do recurso da continuidade visual (*raccord*) é outra disciplina indispensável ao trabalho com entretenimento gravado (CORSON et al., 2019). Produções seriadas não são gravadas em ordem cronológica; o final e o início de uma cena podem ter meses de intervalo entre suas filmagens. A maquiagem de um machucado em processo de cicatrização, o nível de bronzeamento ou a posição exata de um contorno deve ser matematicamente reproduzível. O aluno precisa ser treinado para documentar exaustivamente suas criações,

utilizando croquis faciais (*face charts*) e fotografias catalogadas, evitando erros de continuidade que interrompam a imersão do telespectador.

Adicionalmente, a introdução aos Efeitos Especiais de Maquiagem (FX) expande as fronteiras da narrativa cênica. A simulação de ferimentos, o envelhecimento com a aplicação de próteses de látex ou de silicone e a modificação de estruturas cranianas unem a escultura, a pintura e a anatomia humana. O ensino do FX exige o conhecimento aprofundado sobre moldagens, biopolímeros e adesivos médicos. Embora constitua uma especialização à parte, a compreensão básica dos materiais de efeitos especiais dota o caracterizador geral de recursos inestimáveis para resolver demandas súbitas de roteiro que frequentemente surgem em locações externas ou durante a gravação de vídeos musicais.

Conclui-se que o letramento narrativo transforma o aplicador de cosméticos em um contador de histórias visual. O profissional de excelência não busca impor a sua assinatura estética sobre o rosto do intérprete, mas subordina a sua arte à visão do diretor do projeto. O ensino acadêmico que prioriza a leitura de roteiros, a pesquisa de referências históricas e a análise de personagens garante a formação de diretores de arte completos. A maquiagem narrativa atesta que o domínio da ilusão óptica é a ferramenta que sustenta o poder hipnótico e a profundidade emocional da grande indústria cultural.

## **5. O DESAFIO DA TRANSPOSIÇÃO DO CONHECIMENTO TÁCITO PARA O CURRÍCULO ACADÊMICO**

Um dos obstáculos mais crônicos à elevação da maquiagem ao status de disciplina acadêmica plena reside na natureza do conhecimento gerado pela profissão. Grande parte da maestria de um maquiador de renome baseia-se no conhecimento tácito — um saber intangível, automático e dificilmente verbalizável (SCHÖN, 1983). A intuição para misturar duas bases a fim de atingir o subtom exato de pele, a precisão da pressão exercida pelo pincel e o instinto de saber quando o pó facial está prestes a craquelar são competências desenvolvidas pela exaustão motora e visual. O desafio primordial da pedagogia das artes visuais é codificar esses saberes instintivos em matrizes textuais e em protocolos ensináveis.

A pedagogia da caracterização cênica: a sistematização do ensino da maquiagem profissional na indústria do entretenimento

A formalização do ensino requer a criação de uma nomenclatura padronizada e universal para o setor. Em mercados não regulamentados, a mesma técnica recebe inúmeros nomes, baseados em modismos ou jargões da internet, o que dificulta a construção de uma literatura técnica sólida. A academia deve instituir glossários precisos para definir técnicas de esfumado, a classificação de emulsões e os graus de cobertura dos pigmentos. A adoção de Procedimentos Operacionais Padrão (SOPs) para as etapas de assepsia da pele, organização da bancada e higienização de ferramentas eleva a profissão, alinhando as práticas de camarim aos protocolos de biossegurança adotados na área da saúde e da estética.

A tecnologia atua como aliada crucial na desmistificação do conhecimento tácito. O uso de macrocâmeras conectadas a monitores durante as aulas de laboratório permite que o instrutor demonstre aos alunos a diferença microscópica entre o acabamento de uma base à base de água e de uma formulação de silicone volátil sobre a derme. A inserção de colorímetros eletrônicos no ensino auxilia a superar a subjetividade na escolha dos tons, convertendo o conceito vago de "subtom quente ou frio" em métricas objetivas de matiz, saturação e luminosidade. A visualização científica do processo acelera a compreensão cognitiva do estudante, reduzindo o tempo necessário de tentativa e erro.

O desenvolvimento de métricas de avaliação rigorosas completa o ciclo de transição para o ensino formal. Em cursos livres, a avaliação frequentemente baseia-se unicamente no julgamento estético subjetivo do professor. Em uma estrutura acadêmica, as rubricas de correção devem incluir variáveis quantificáveis: a durabilidade da maquiagem sob simulação de calor (teste de estresse), a impermeabilidade contra respingos de água, a ausência de reflexo sob incidência de luz frontal e o cumprimento exato do tempo limite de execução exigido pela televisão. O aluno deve ser testado não apenas pela sua arte, mas também pela sua capacidade de manter estabilidade técnica sob pressão cronometrada.

A transposição do empirismo para a metodologia científica consolida a maquiagem como um campo de pesquisa contínua. As instituições que abraçam essa formalização garantem que a sabedoria acumulada pelos veteranos dos bastidores do cinema e da televisão não se perca com suas aposentadorias, mas seja preservada e aprimorada em forma de bibliografia e didática. A legitimação do currículo garante a formação de novas gerações de intelectuais da

A pedagogia da caracterização cênica: a sistematização do ensino da maquiagem profissional na indústria do entretenimento

beleza, capazes não apenas de replicar os sucessos do passado, mas também de inovar e criar soluções para os desafios visuais da indústria do entretenimento do amanhã.

## CONCLUSÃO

As reflexões apresentadas ao longo deste capítulo evidenciam que o ensino da caracterização cênica e da maquiagem profissional enfrenta um momento de necessária inflexão metodológica. A expansão implacável da indústria do entretenimento, associada à popularização de tecnologias de captação digital de altíssima definição (Ultra HD e 4K), tornou insustentável a manutenção de processos de aprendizado baseados exclusivamente no empirismo. A lente contemporânea exige perfeição em níveis microscópicos, forçando a arte da beleza a dialogar indissociavelmente com a óptica física e a química dos materiais (PAYNE, 2016).

Constatou-se que a evolução histórica da maquiagem é, essencialmente, a história da adaptação da ilusão visual a novos emissores de luz e a novos sensores de imagem. A transição dos densos pigmentos do teatro para a cobertura imperceptível e fotorrefletora exigida pelos estúdios de televisão comprova que o profissional moderno não pode ser instruído segundo matrizes arcaicas. A educação de excelência exige que o aluno compreenda o comportamento dos compostos cosméticos quando submetidos a diferentes temperaturas de cor, garantindo que a naturalidade do personagem seja preservada diante das variações entre painéis de LED e luzes halógenas.

A análise da arquitetura pedagógica confirmou a relevância de abandonar o modelo de mimetização de tendências em prol de uma metodologia de resolução de problemas. A aplicação dos princípios de andragogia no laboratório de estética, ao propor desafios voltados à resistência ao suor e ao bloqueio dos brilhos indesejados, estimula o desenvolvimento do pensamento crítico. O estudante treinado para investigar a compatibilidade molecular entre *primers*, bases fluidas e pós selantes adquire a autonomia necessária para criar soluções de ancoragem em qualquer ambiente climático, blindando as produções audiovisuais contra falhas de continuidade estética.

No aspecto da construção narrativa, ficou evidente que a maquiagem cênica desempenha um papel fundamental na suspensão da descrença do público (CORSON et al., 2019). O rosto do intérprete é o veículo primordial da emoção; portanto, a caracterização atua como o alicerce visual que contextualiza o enredo antes da primeira linha de diálogo. O currículo formativo deve garantir que o aluno aprenda a analisar roteiros, a manter a precisão matemática do *raccord* (continuidade) e a respeitar a psicologia de camarim, transformando a bancada de trabalho em um porto seguro que favorece a concentração e a internalização da identidade pelo ator ou músico.

O exame sobre a conversão do conhecimento tácito em protocolos ensináveis demonstrou que a academia tem o dever de estabelecer normativas, glossários e Procedimentos Operacionais Padrão (SOPs) para a profissão (SCHÖN, 1983). A formalização da instrução, por meio de métricas avaliativas rigorosas, como testes de impermeabilidade e execução cronometrada, eleva a maquiagem do status de ofício vocacional para o de disciplina técnica. O uso de macrocâmeras e instrumentos de leitura de cores em sala de aula auxilia a desmistificar a intuição do veterano, tornando a ciência da caracterização acessível e replicável.

A consolidação de uma base teórica robusta assegura o futuro do setor. As instituições de ensino técnico e superior que acolherem a interdisciplinaridade em seus cursos de visagismo garantirão a oferta contínua de talentos aptos a suportar as pressões dos megaeventos, dos teatros e das produtoras cinematográficas. A formação de especialistas dotados de letramento químico e sensibilidade artística fortalece a cadeia produtiva da cultura, atestando que a retaguarda técnica é tão essencial para o sucesso das obras quanto os diretores e protagonistas que assinam a dianteira dos projetos.

Em última instância, infere-se que a educação em maquiagem profissional e em caracterização cênica é o motor que impulsiona a evolução estética da indústria do entretenimento. Ao estruturar a transmissão do conhecimento, padronizar as práticas de biossegurança e aprofundar o domínio das reações visuais dos cosméticos, a pedagogia confere dignidade intelectual à profissão. A sistematização rigorosa do saber protege o legado dos grandes mestres das artes da beleza e abre caminho seguro para que as próximas

A pedagogia da caracterização cênica: a sistematização do ensino da maquiagem profissional na indústria do entretenimento

gerações de caracterizadores continuem a encantar, convencer e emocionar audiências em todas as telas e palcos ao redor do globo.

## **REFERÊNCIAS**

CORSON, R.; GLAVAN, J.; NORCROSS, B. **Stage Makeup**. 11. ed. London: Routledge, 2019.

KEHOE, V. **Special Make-Up Effects for Stage and Screen: Making and Applying Prosthetics**. 2. ed. London: Routledge, 2004.

KNOWLES, M. S.; HOLTON III, E. F.; SWANSON, R. A. **The Adult Learner: The Definitive Classic in Adult Education and Human Resource Development**. 8. ed. London: Routledge, 2015.

PAYNE, D. **The Art of the Real: Make-up for High Definition Television and Film**. Los Angeles: Silman-James Press, 2016.

SCHÖN, D. A. **The Reflective Practitioner: How Professionals Think in Action**. New York: Basic Books, 1983.